Projeto
Círculos de Leitura
Instituto Braudel

Roteiro para Leitura Dramática

O conto da Ilha Desconhecida

José Saramago

INSTITUTO BRAUDEL
ASSOCIADO À FAAP
A think tank, and a do tank

Roteiro para Leitura Dramática

O conto da Ilha Desconhecida

José Saramago

Apoio

BM&FBOVESPA
A Nova Bolsa

FUNDAÇÃO
ODEBRECHT

Instituto
UNIBANCO

worldfund
inspirando professores>criando líderes

José Saramago

Parte 1

Narrador: Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe:

Homem do barco: Dá-me um barco.

Narrador: A casa do rei tinha muitas mais portas, mas aquela era a das petições. Como o rei passava todo o tempo sentado à porta dos obséquios (entenda-se, os obséquios que lhe faziam a ele), de cada vez que ouvia alguém a chamar a porta das petições fingia-se desentendido, e só quando o ressoar contínuo da aldraba de bronze se tornava, mais do que notório, escandaloso, tirando o sossego à vizinhança, as pessoas começavam a murmura:

Pessoas do reino (murmurando): Que rei temos nós, que não atende?

Narrador: Ai que dava-se a ordem ao primeiro-secretário para ir saber o que queria o impetrante, que não havia maneira de se calar. Então, o primeiro-secretário chamava o segundo-secretário, este chamava o terceiro, que mandava o primeiro-ajudante, que por sua vez mandava o segundo, e assim por aí fora até chegar à mulher da limpeza, a qual, não tendo ninguém em quem mandar, entreabria a porta das petições e perguntava pela frincha:

Mulher da limpeza: Que é que tu queres?

Narrador: O suplicante dizia que vinha, isto é, pedia o que tinha a pedir, depois instalava-se a um canto da porta, à espera de que o requerimento fizesse, de um a um, o caminho ao contrário, até chegar ao rei. Ocupado como sempre estava com os abséquios, o rei demorava a resposta, e já não era pequeno sinal de atenção ao bem-estar e felicidade do seu povo quando resolvia pedir um parecer fundamentado por escrito ao primeiro-secretário, o qual, escusado seria dizer, passava a encomenda ao segundo-secretário, este ao terceiro, sucessivamente, até chegar outra vez à mulher da limpeza, que despachava sim ou não conforme estivesse de maré. Contudo, no caso do homem que queria um barco, as coisas não se passaram bem assim. Quando a mulher da limpeza lhe perguntou pela nesga da porta:

Mulher da limpeza: Que é que tu queres?

Narrador: O homem, em lugar de pedir, como era de costume de todos, um título, uma condecoração, ou simplesmente dinheiro, respondeu:

Homem do barco: Quero falar ao rei.

Mulher da limpeza: Já sabes que o rei não pode vir, está na porta dos obséquios.

Homem do barco: Pois então vai lá dizer-lhe que não saio daqui até que ele venha, pessoalmente, saber o que quero.

Narrador: Deitou-se ao comprido no limiar, tapando-se com a manta por causa do frio. Entrar e sair, só por cima dele. Ora, isso era um enorme problema, se tivermos em consideração que, de acordo com a pragmática das portas, ali só se podia atender um suplicante de cada vez, donde resultava que, enquanto houvesse alguém à espera de resposta, nenhuma outra pessoa se poderia aproximar a fim de expor as suas necessidades ou as suas ambições. À primeira vista, quem ficava a ganhar com este artigo do regulamento era o rei, dado que, sendo menos numerosa a gente que o vinha incomodar com lamúrias, mais tempo ele passava a ter, e mais descanso, para receber, contemplar e guardar os obséquios. À segunda vista, porém, o rei perdia, e muito, porque os protestos públicos, ao notar-se que a resposta estava a tardar mais do que o justo, faziam aumentar gravemente o descontentamento social, o que, por seu turno, ia ter imediatas e negativas conseqüências no afluxo de obséquios. No caso que estamos narrando, o resultado da ponderação entre os benefícios e os prejuízos foi ter ido o rei, ao cabo de três dias, e em real pessoa, à porta das petições, para saber o que queria o intrometido que se havia negado a encaminhar o requerimento pelas competentes vias burocráticas.

Rei: Abre a porta.

Mulher da limpeza: Toda, ou só um bocadinho?

Narrador: O rei duvidou por um instante, na verdade não gostava muito de se expor aos ares da rua, mas depois reflexionou que pereceria mal, além de ser indigno da sua majestade, falar com um súdito através de uma nesga, como se tivesse medo dele, mormente estando a assistir ao colóquio a mulher da limpeza, que logo iria dizer por ai sabe Deus o quê.

Rei (ordenando): De par em par.

Narrador: O homem que queria um barco levantou-se do degrau da porta quando começou a ouvir correr ferrolhos, enrolou a manta e pôs-se à espera. Estes sinais de que finalmente alguém vinha atender, e que portanto a praça não tardaria a ficar desocupada, fizeram aproximar-se da porta uns quantos aspirantes à liberalidade do trono que por ali andavam, prontos a assaltar o lugar mal ele vagasse. O inopinado aparecimento do rei (nunca tal coisa havia sucedido desde que ele andava de coroa na cabeça) causou uma surpresa desmedida, não só aos ditos candidatos, mas também à vizinhança que atraída pelo repentino alvoroço, assomara às janelas das casas, no outro lado da rua. A única pessoa que não se surpreendeu por aí além foi o homem que tinha vindo pedir um barco. Calculara ele, e acertara na previsão, que o rei, mesmo que demorasse três dias, haveria de sentir-se curioso de ver a cara de quem, sem mais nem menos, com notável atrevimento, o mandara chamar. Repartido pois entre a curiosidade que não pudera reprimir e o desagrado de ver tanta gente junta, o rei, com o pior dos modos, perguntou três perguntas seguidas:

Rei: Que é que tu queres? Por que foi que não disseste logo o que querias? Pensarás tu que eu não tenho mais nada que fazer?

Homem do barco: Dá-me um barco.

Narrador: O assombro deixou o rei tal ponto desconcertado, que a mulher da limpeza se apressou a chegar-lhe uma cadeira de palhinha, a mesma em que ela própria se sentava quando precisava de trabalhar de linha e agulha, pois, além da limpeza, tinha também à sua responsabilidade alguns trabalhos menores de costura no palácio, como passajar as peúgas dos pajens. Mal sentado, porque a cadeira de palhinha era muito mais baixa que o trono, o rei estava a procurar a melhor maneira de acomodar as pernas, ora encolhendo-as ora estendendo-as para os lados, enquanto o homem que queria um barco esperava com paciência a pergunta que seguiria:

Rei: E tu para que queres um barco, pode-se saber?

Homem do barco: Para ir à procura da ilha desconhecida.

Rei (disfarçando o riso): Que ilha desconhecida?

Homem do barco: A ilha desconhecida.

Rei: Disparate, já não há ilhas desconhecidas!

Homem do barco: Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas?

Rei: Estão todas nos mapas.

Homem do barco: Nos mapas só estão as ilhas conhecidas.

Rei: E que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura?

Homem do barco: Se eu to pudesse dizer, então não seria desconhecida.

Rei (sério): A quem ouviste tu falar dela?

Homem do barco: A ninguém.

Rei: Neste caso, por que teimas em dizer que ela existe?

Homem do barco: Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida.

Rei: E viestes aqui para me pedires um barco?

Homem do barco: Sim, vim aqui para pedir-te um barco.

Rei: E tu quem és, para que eu to dê?

Homem do barco: E tu quem és, para que não mo dês?

Rei: Sou o rei deste reino, e os barcos do reino pertencem-me todos.

Homem do barco: Mais lhes pertencerás tu a eles do que eles a ti.

Rei (inquieto): Que queres dizer?

Homem do barco: Que tu, sem eles, és nada, e que eles, sem ti, poderão sempre navegar.

Rei: Às minhas ordens, com os meus pilotos e os meus marinheiros.

Homem do barco: Não te peço marinheiros nem piloto, só te peço um barco.

Rei: E essa ilha desconhecida, se a encontrares, será para mim.

Homem do barco: A ti, rei, só te interessam as ilhas conhecidas.

Rei: Também me interessam as desconhecidas quando deixam de o ser.

Homem do barco: Talvez esta não se deixe conhecer.

Rei: Então não te dou o barco.

Homem do barco (convicto): Darás.

Narrador: Ao ouvirem esta palavra, pronunciada com tranqüila firmeza, os aspirantes à porta das petições, em quem, minuto após minuto, desde o principio da conversa, a impaciência vinha crescendo, e mais para se verem livres dele do que por simpatia solidária, resolveram intervir a favor do homem que queria o barco.

Pessoas da fila (gritando): Dá-lhe o barco, dá-lhe o barco.

Narrador: O rei abriu a boca para dizer à mulher da limpeza que chamasse a guarda do palácio a vir restabelecer imediatamente a ordem pública e impor a disciplina, mas, nesse momento, as vizinhas que assistiam das janelas juntaram-se ao coro com entusiasmo, gritando com os outros:

Mulheres da janela (todos): Dá-lhe o barco, dá-lhe o barco.

Narrador: Perante uma tão iniludível manifestação da vontade popular e preocupado com o que, neste meio tempo, já haveria perdido na porta dos obséquios, o rei levantou a mão direita a impor silêncio e disse:

Rei: Vou dar-te um barco, mas a tripulação terás de arranjá-la tu, os meus marinheiros são-me preciosos para as ilhas conhecidas.

(Todos aplaudem)

Narrador: Os gritos de aplauso do público não deixaram que se percebesse o agradecimento do homem que viera pedir um barco, aliás o movimento dos lábios tanto teria podido ser Obrigado meu senhor, como Eu cá me arranjarei, mas o que distintamente se ouviu foi o dito seguinte do rei.

Rei: Vai à doca, perguntas lá pelo capitão do porto, dizes-lhe que te mandei eu, e ele que te dê o barco, levas o meu cartão.

Narrador: o homem que ia receber um barco leu o cartão de visita, onde dizia Rei por baixo do nome do rei, e eram estas as palavras que ele havia escrito sobre o ombro da mulher da limpeza.

Entrega ao portador um barco, não precisa ser grande, mas que navegue bem e seja seguro, não quero ter remorsos na consciência se as coisas lhe correrem mal.

Quando o homem levantou a cabeça, supõe-se que desta vez é que iria agradecer a dádiva, já o rei se tinha retirado, só estava a mulher da limpeza a olhar para ele com cara de caso. O homem desceu do degrau da porta, sinal de que os outros candidatos podiam enfim avançar, nem valeria a pena explicar que a confusão foi indescritível, todos a quererem chegar ao sítio em primeiro lugar, mas com tão má sorte que a porta já estava fechada outra vez. A aldraba de bronze tornou a chamar a mulher da limpeza, mas a mulher da limpeza não está, deu a volta e saiu com o balde e a vassoura por outra porta, a das decisões, que é raro ser usada, mas quando o é, é. Agora sim, agora pode-se compreender o porquê da cara de caso com que a mulher da limpeza havia estado a olhar, foi esse o preciso momento em que ela resolveu ir atrás do homem quando ele se dirigisse ao porto a tomar conta do barco. Pensou ela que já bastava de uma vida a limpar e a lavar palácios, que tinha chegado a hora de mudar de ofício, que lavar e limpar barcos, é que era a sua vocação verdadeira, no mar, ao menos, a água nunca lhe faltaria.

Parte 2

Narrador: O homem nem sonha que, não tendo ainda sequer começado a recrutar os tripulantes, já leva atrás de si a futura encarregada das baldeações e outros asseios, também é deste modo que o destino costuma se comportar-se conosco, já está mesmo atrás de nós, já estendeu a mão para tocar-nos o ombro, e nós ainda vamos a murmurar, Acabou-se não há mais que ver, é tudo igual. Andando, andando, o homem chegou ao porto, foi à doca, perguntou pelo capitão, e enquanto ele não chegava deitou-se a adivinhar qual seria, de quantos barcos ali estavam, o que iria ser o seu, grande já se sabia que não, o cartão de visita do rei era muito claro neste ponto, por conseguinte ficavam de fora os paquetes, os cargueiros e os navios de guerra, tão-pouco poderia ser ele tão pequeno que resistisse mal às forças do vento e aos rigores do mar, o rei também havia sido categórico neste ponto.

Rei: Que navegue bem e seja seguro.

Narrador: Foram estas as suas formais palavras, assim implicitamente

excluindo os botes, as faluas e os escaleres, os quais, sendo bons navegantes, e seguros, conforme a condição de cada qual, não tinham nascido para sulcar os oceanos, que é onde se encontram as ilhas desconhecidas. Um pouco afastada dali, escondida por trás de uns bidões, a mulher da limpeza correu os olhos pelos barcos atracados.

Mulher da limpeza (em pensamento): Para o meu gosto, aquele.

Narrador: Porém a sua opinião não contava, vamos ouvir antes o que dirá o capitão do porto. O capitão veio, leu o cartão, mirou o homem de alto a baixo, e fez a pergunta que o rei se tinha esquecido de fazer.

Capitão: Sabes navegar? Tens carta de navegação?

Homem do barco: Aprenderei no mar.

Capitão: Não to aconselharia, capitão sou eu, e não me atrevo com qualquer barco.

Homem do barco: Dá-me então um com que possa atrever-me eu, não, um desses não, dá-me antes um barco que eu respeite e que possa respeitar-me a mim.

Capitão: Essa linguagem é de marinheiro, mas tu não és Marinheiro.

Homem do barco: Se eu tenho a linguagem, é como se o fosse.

Narrador: O capitão tornou a ler o cartão do rei, depois perguntou:

Capitão: Poderás dizer-me para que queres o barco?

Homem do barco: Para ir à procura da ilha desconhecida.

Capitão: Já não há ilhas desconhecidas.

Homem do barco: O mesmo me disse o rei.

Capitão: O que ele sabe de ilhas, aprendeu-o comigo.

Homem do barco: É estranho que tu, sendo homem do mar, me digas isso, que já não há ilhas desconhecidas, homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcamos nelas.

Capitão: Mas tu, se bem entendi, vais à procura de uma onde nunca ninguém tenha desembarcado.

Homem do barco: Sabê-lo-ei quando lá chegar.

Capitão: Se chegares.

Homem do barco: Sim, às vezes naufraga-se pelo caminho, mas se tal me viesse a acontecer, deverias escrever nos anais do porto que o ponto a que cheguei foi esse.

Capitão: Queres dizer que chegar, sempre se chega.

Homem do barco: Não serias quem és se não o soubesse já.

Capitão: Vou dar-te a embarcação que te convém.

Homem do barco: Qual é ela?

Capitão: É um barco com muita experiência, ainda do tempo em que toda a gente andava à procura de ilhas desconhecidas.

Homem do barco: Qual é ele?

Capitão: Julgo até que encontrou algumas.

Homem do barco: Qual?

Capitão: Aquele.

Narrador: Assim que a mulher da limpeza percebeu para onde o capitão apontava, saiu a correr de detrás dos bidões.

Mulher da limpeza (gritando): É o meu barco, é o meu barco!

Narrador: Há que perdoar-lhe a insólita reivindicação de propriedade, a todos os títulos abusiva, o barco era aquele de que ela tinha gostado, simplesmente.

Homem do barco: Parece uma caravela.

Capitão (concordando): Mais ou menos. No princípio era uma caravela, depois passou por arranjos e adaptações que a modificaram um bocado.

Homem do barco: Mas continua a ser uma caravela.

Capitão: Sim, no conjunto conserva o antigo ar.

Homem do barco: E tem mastros e velas.

Capitão: Quando se vai procurar ilhas desconhecidas, é o mais recomendável.

Narrador: A mulher da limpeza não se conteve.

Mulher da limpeza: Para mim não quero outro.

Homem do barco: Quem és tu?

Mulher da limpeza: Não te lembras de mim?

Homem do barco: Não tenho idéia.

Mulher da limpeza: Sou a mulher da limpeza.

Homem do barco: Qual limpeza?

Mulher da limpeza: A do palácio do rei.

Homem do barco: A que abria a porta das petições?

Mulher da limpeza: Não havia outra.

Homem do barco: E por que não estás tu no palácio do rei a limpar e a abrir portas?

Mulher da limpeza: Porque as portas que eu realmente queria já foram abertas e porque de hoje em diante só limparei barcos.

Homem do barco: Então estás decidida a ir comigo procurar a ilha desconhecida?

Mulher da limpeza: Saí do palácio pela porta das decisões.

Homem do barco: Sendo assim, vai para a caravela, vê como está aquilo, depois do tempo que passou deve precisar de uma boa lavagem, e tem cuidado com as gaivotas, que não são de fiar.

Mulher da limpeza: Não queres vir comigo conhecer o teu barco por dentro?

Homem do barco: Tu disseste que era teu.

Mulher da limpeza: Desculpa, foi só porque gostei dele.

Homem do barco: Gostar é provavelmente a melhor maneira de ter, ter deve ser a pior maneira de gostar.

Capitão (interrompendo): Tenho de entregar as chaves ao dono do barco, a um ou a outro, resolvam-se, a mim tanto se me dá.

Homem do barco: Os barcos têm chave?

Capitão: Para entrar, não, mas lá estão as arrecadações e os paióis, e a escrivaninha do comandante com o diário de bordo.

Homem do barco: Ela que se encarregue de tudo, eu vou recrutar a tripulação.

Narrador: O homem afastou-se. A mulher da limpeza foi ao escritório do capitão para recolher as chaves, depois entrou no barco, duas coisas lhe valeram aí, a vassoura do palácio e a prevenção contra as gaivotas, ainda não tinha acabado de atravessar a prancha que ligava a amurada ao cais e já as malvadas estavam a precipitar-se sobre ela aos guinchos, furiosas, de goela aberta, como se ali mesmo a quisessem devorar. Não sabiam com que se metiam. A mulher da limpeza pousou o balde, meteu as chaves no seio, firmou bem os pés na prancha, e, redemoinhando a vassoura como se fosse um espadão dos tempos antigos, fez debandar o bando assassino. Foi só quando entrou no barco que compreendeu a ira das gaivotas, havia ninhos por toda a parte, muitos deles abandonados, outros ainda com ovos, e uns poucos com gaivotinhos de bico aberto, à espera de comida.

Mulher da limpeza: Pois sim, mas o melhor é mudarem-se daqui, um barco que vai procurar a ilha desconhecida não pode ter este aspecto, como se fosse um galinheiro.

Narrador: Atirou para a água os ninhos vazios, quanto aos outros deixou-os ficar, até ver. Depois arregaçou as mangas e pôs-se a lavar a coberta. Quando acabou a dura tarefa, foi abrir o paiol das velas e procedeu a um exame minucioso do estado das costuras, depois de tanto tempo sem irem ao mar e sem terem de suportar os esticões saudáveis do vento. As velas são os músculos do barco, basta ver como incham quando se esforçam, mas, e isso mesmo sucede aos músculos, se não se lhes dá uso regularmente, abrandam, amolecem, perdem nervo.

Mulher da limpeza (em pensamento): E as costuras são como os nervos das velas.

Narrador: Achou esgarçadas algumas bainhas, mas contentou-se com assinalá-las, uma vez que para este trabalho não podiam servir linha e a agulha com que passajava as peúgas dos pajens antigamente, quer dizer, ainda ontem. Quanto aos outros paióis, viu logo que estavam vazios. Que o da pólvora estivesse desmunido, salvo uns pozinhos negros no fundo, que primeiro lhe pareceram caganitas de rato, não lhe importou nada, de facto não está escrito em nenhuma lei, pelo menos até onde a sabedoria duma mulher da limpeza é capaz de alcançar, que ir em busca duma ilha desconhecida tenha de ser forçosamente uma empresa de

guerra. Já a ralou, e muito, a falta absoluta de munições de boca no paiol respectivo, não por si própria, que estava mais do que acostumada ao mau passadio do palácio, mas por causa do homem a quem deram este barco.

Mulher da limpeza (em pensamento): Não tarda que o sol se ponha, e ele a aparecer-me aí a clamar que tem fome, que é o dito de todos os homens mal entram em casa, como se só eles é que tivessem estômago e sofressem da necessidade de o encher. E se já traz marinheiros para a tripulação que são uns ogres a comer, então é que não sei como nos iremos governar.

Narrador: Não valia apensa ter-se preocupado tanto. O sol havia acabado de sumir-se no oceano quando o homem que tinha um barco surgiu no extremo do cais. Trazia um embrulho na mão, porém vinha sozinho e cabisbaixo. A mulher da limpeza foi esperá-lo à prancha, mas antes que ela abrisse a boca para se inteirar de como tinha corrido o resto do dia, ele disse:

Homem do barco: Está descansada, trago aqui comida para os dois.

Parte 3

Mulher da limpeza: E os marinheiros?

Homem do barco: Não veio nenhum, como podes ver.

Mulher da limpeza: Mas deixaste-os apalavrados, ao menos?

Homem do barco: Disseram-me que já não há ilhas desconhecidas, e que, mesmo que as houvesse, não iriam eles tirar-se do sossego dos seus lares e da boa vida dos barcos de carreira para se meterem em aventuras oceânicas, à procura de um impossível, como se ainda estivéssemos no tempo do mar tenebroso.

Mulher da limpeza: E tu, que lhes respondeste?

Homem do barco: Que o mar é sempre tenebroso.

Mulher da limpeza: E não lhes falaste da ilha desconhecida?

Homem do barco: Como poderia falar-lhes eu duma ilha desconhecida, se não a conheço?

Mulher da limpeza: Mas tens a certeza de que ela existe.

Homem do barco: Tanta como a de ser tenebroso o mar.

Mulher da limpeza: Neste momento, visto daqui, com aquela água cor de jade e o céu como um incêndio, de tenebroso não lhe encontro nada.

Homem do barco: è uma ilusão tua, também as ilhas às vezes parecem que flutuam sobre as águas, e não é verdade.

Mulher da limpeza: Que pensas fazer, se te falta a tripulação?

Homem do barco: Ainda não sei.

Mulher da limpeza: Podíamos ficar a viver aqui, eu oferecia-me para lavar os barcos que vêm à doca, e tu...

Homem do barco: E eu...

Mulher da limpeza: Tens com certeza um mester, um ofício, uma profissão, como agora se diz.

Homem do barco: Tenho, tive, terei se for preciso, mas quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver.

Mulher da limpeza: Não o sabes?

Homem do barco: Se não sais de ti, não chegas a saber quem és.

Mulher da limpeza: O filósofo do rei, quando não tinha que fazer, ia sentar-se ao pé de mim, a ver-me passajar as peúgas dos pajens, e às vezes dava-lhe para filosofar, dizia que todo o homem é uma ilha, eu, como aquilo não era comigo, visto que sou mulher, não lhe dava importância, tu que achas?

Homem do barco: Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós.

Mulher da limpeza: Se não saímos de nós próprios, queres tu dizer.

Homem do barco: Não é a mesma coisa.

Narrador: O incêndio do céu ia esmorecendo, a água arroxeou-se de repente, agora nem a mulher da limpeza duvidaria de que o mar é mesmo tenebroso, pelo menos a certas horas.

Homem do barco: Deixemos as filosofias para o filósofo do rei, que para isso é que lhe pagam, agora vamos nós comer.

Mulher da limpeza (repreendendo): Primeiro, tens de ver o teu bar-

co, só o conheces por fora.

Homem do barco: Que tal o encontraste?

Mulher da limpeza: Há algumas bainhas das velas que estão a precisar de reforço.

Homem do barco: Desceste ao porão, encontraste água aberta?

Mulher da limpeza: No fundo vê-se alguma, de mistura com o lastro, mas isso parece que é próprio, faz bem ao barco.

Homem do barco: Como foi que aprendeste essas coisas?

Mulher da limpeza: Assim.

Homem do barco: Assim como?

Mulher da limpeza: Como tu, quando disseste ao capitão do porto que aprenderias a navegar no mar.

Homem do barco: Ainda não estamos no mar.

Mulher da limpeza: Mas já estamos na água.

Homem do barco: Sempre tive a idéia de que a navegação só há dois mestres verdadeiros, um que é o mar, o outro que é o barco.

Mulher da limpeza: E o céu, estás a esquecer-te do céu.

Homem do barco: Sim, claro, o céu.

Mulher da limpeza: Os ventos.

Homem do barco: As nuvens...

Mulher da limpeza: O céu...

Homem do barco: Sim, o céu.

Narrador: Em menos de um quarto de hora tinham acabado a volta pelo barco, uma caravela, mesmo transformada, não dá para grandes passeios.

Homem do barco: É bonita, mas se eu não conseguir arranjar tripulantes suficientes para a manobra, terei de ir dizer ao rei que já não a quero.

Mulher da limpeza: Perdes o ânimo logo à primeira contrariedade?

Homem do barco: A primeira contrariedade foi estar à espera do rei

três dias, e não desisti.

Mulher da limpeza: Se não encontrares marinheiros que queiram vir, cá nos arranjaremos os dois.

Homem do barco: Estás doida? Duas pessoas sozinhas não seriam capazes de governar um barco destes, eu teria de estar a explicar-te, é uma loucura.

Mulher da limpeza: Depois veremos, agora vamos mas é comer.

Narrador: Subiram para o castelo de popa, o homem ainda a protestar contra o que chamara loucura, e, ali, a mulher da limpeza abriu o farnel que ele tinha trazido, um pão, queijo duro, de cabra, azeitonas, uma garrafa de vinho. A lua já estava meio palmo sobre o mar, as sombras de verga e do mastro grande vieram deitar-se-lhes aos pés.

Mulher da limpeza: É realmente bonita a nossa caravela... A tua, a tua caravela.

Homem do barco: Desconfio que não o será por muito tempo.

Mulher da limpeza: Navegues ou não navegues com ela, é tua, deu-ta o rei.

Homem do barco: Pedi-lha para ir procurar uma ilha desconhecida.

Mulher da limpeza: Mas estas coisas não se fazem do pé para a mão, levam o seu tempo, já o meu avô dizia que quem vai ao mar avia-se em terra, e mais não era ele marinheiro.

Homem do barco: Sem tripulantes não podemos navegar.

Mulher da limpeza: Já o tinhas dito.

Homem do barco: E há que abastecer o barco das mil coisas necessárias a uma viagem como esta, que não se sabe aonde nos levará.

Mulher da limpeza: Evidentemente, e depois teremos que esperar que seja a boa estação, e sair com a boa maré, e vir gente ao cais a desejar-nos boa viagem.

Homem do barco: Estás a rir-te de mim.

Mulher da limpeza: Nunca me riria de quem me fez sair pela porta das decisões.

Homem do barco: Desculpa-me.

Mulher da limpeza: E não tornarei a passar por ela, suceda o que suceder.

Narrador: O luar iluminava em cheio a cara da mulher da limpeza, e desta vez não referindo-se à caravela:

Homem do barco (em pensamento): É bonita, realmente é bonita.

Narrador: A mulher, essa, não pensou nada, devia ter pensado tudo durante aqueles três dias, quando entreabria de vez em quando a porta para ver se aquele ainda continuava lá fora, à espera. Não sobrou migalha de pão ou de queijo, nem gota de vinho, os caroços das azeitonas foram atirados para a água, o chão está tão limpo como ficara quando a mulher da limpeza lhe passou por cima o último esfregão. A sereia de um paquete que saía para o mar soltou um ronco potente, como deviam ter sido os do leviatã, e a mulher disse:

Mulher da limpeza: Quando for a nossa vez faremos menos barulho.

Narrador: Apesar de estarem no interior da doca, a água ondulou um pouco à passagem do paquete, e o homem disse:

Homem do barco: Mas boloiçaremos muito mais.

Narrador: Riram os dois, depois ficaram calados, passado um bocado um deles opinou que o melhor seria irem dormir.

Mulher da limpeza: Não é que eu tenha muito sono...

Homem do barco (concordando): Nem eu...

(Silêncio)

Mulher da limpeza: Há beliches lá em baixo.

Homem do barco: Sim.

Mulher da limpeza: Até amanhã, eu vou para este lado.

Homem do barco: E eu vou para este, até amanhã.

Narrador: Não disseram bombordo nem estibordo, decerto por estarem a praticar na arte. A mulher voltou atrás:

Mulher da limpeza: Tinha-me esquecido...

Narrador: Tirou do bolso do avental dois cotos de vela.

Mulher da limpeza: Encontrei-os quando andava a limpar, o que não

tenho é fósforos.

Homem do barco: Eu tenho.

Narrador: Ela segurou as velas, uma em cada mão, ele acendeu um fósforo, depois, abrigando a chama sob a cúpula dos dedos curvados, levou-a com todo o cuidado aos velhos pavios, a luz pegou, cresceu lentamente como faz o luar, banhou a cara da mulher da limpeza, nem seria preciso dizer o que ele pensou:

Homem do barco: É bonita.

Narrador: Mas o que ela pensou...

Mulher da limpeza: Vê-se bem que só tem olhos para a ilha desconhecida.

Narrador: Aqui está como as pessoas se enganam nos sentidos do olhar, sobretudo ao principio. Ela entregou-lhe uma vela.

Mulher da limpeza: Até amanhã, dorme bem.

Narrador: Ele quis dizer o mesmo doutra maneira:

Homem do barco: Que tenha sonhos felizes.

Narrador: Foi a frase que lhe saiu, daqui a pouco, quando lá estiver em baixo, deitado no seu beliche, vir-lhe-ão à idéia outras frases, mais espirituosas, sobretudo mais insinuantes, como se espera que sejam as de um homem quando está a sós com uma mulher. Perguntava-se se já dormiria, se teria tardado a entrar no sono, depois imaginou que andava à procura dela e não a encontrava em nenhum sítio, que estavam perdidos os dois num barco enorme, o sonho é um prestidigitador hábil, muda as proporções das coisas e as suas distâncias, separar as pessoas, e elas estão juntas , reúne-as, e quase não se vêem uma à outra, a mulher dorme a poucos metros e ele não soube como alcançá-la, quando é tão fácil ir de bombordo a estibordo.

Final

O Sonho

Narrador: Tinha-lhe desejado felizes sonhos, mas foi ele quem levou toda a noite a sonhar. Sonhou que a sua caravela ia no mar alto, comas

três velas triangulares gloriosamente enfunadas, abrindo caminho sobre as ondas, enquanto ele manejava a roda do leme e a tripulação descansava à sombra. Não percebia como podiam ali estar os marinheiros que no porto e na cidade se tinham recusado a embarcar com ele para ir à procura da ilha desconhecida, provavelmente arrependeram-se da grosseira ironia com que o haviam tratado. Via animais espalhados pela coberta, patos, coelhos, galinhas, o habitual da criação doméstica, debicando os grãos de milho ou roendo as folhas de couve que um marinheiro lhes atirava, não se lembrava de quando os tinha trazido para o barco, fosse como fosse era natural que ali estivessem, imaginemos que a ilha desconhecida é, como tantas vezes o foi no passado, uma ilha deserta, o melhor será jogar pelo seguro, todos sabemos que abrir a porta de coelheira a agarrar um coelho pelas orelhas sempre foi mais fácil do que persegui-lo por montes e vales. Do fundo do porão veio agora um coro de relinchos de cavalos, de mugidos de bois, de zurros de asnos, as vozes dos nobres animais necessários para o trabalho pesado, e como foi que vieram eles, como podem estar numa caravela onde a tripulação humana mal cabe, de súbito o vento deu uma guinada, avelã maior bateu e ondulou, por trás dela estava o que antes não se vira, um grupo de mulheres que mesmo sem as contar se adivinha serem tantas quantos os marinheiros, ocupam-se nas suas coisas de mulheres, ainda não chegou o tempo de se ocuparem doutras, está claro que isto só pode ser um sonho, na vida real nunca se viajou assim. O homem do leme buscou com os olhos a mulher da limpeza e não a viu, pensou:

Homem do barco: Talvez esteja no beliche de estibordo, a descansar da lavagem da coberta.

Narrador: Foi um pensar fingido, porque ele bem sabe, embora também não saiba como o sabe, que ela à última hora não quis vir, que saltou para o cais, dizendo de lá.

Mulher da limpeza: Adeus, adeus, já que só tens olhos para a ilha desconhecida, vou-me embora.

Narrador: E não era verdade, agora mesmo andam os olhos dele a procurá-la e não a encontram. Neste momento o céu cobriu-se e começou a chover, e, tendo chovido, principiaram a brotar inúmeras plantas das fileiras de sacos de terra alinhadas ao longo da amurada, não estão ali porque se suspeite que não haja terra bastante na ilha desconhecida, mas porque assim se ganhará tempo.

Homem do barco: No dia em que lá chegarmos só teremos que transplantar as árvores de fruto, semear os grãos das pequenas searas que vão amadurecer aqui, enfeitar os canteiros com as flores que desabrocharão destes botões. Avistam alguma ilha desabitada?

Tripulante: Não vemos nem de uma nem das outras, mas pensamos em desembarcar na primeira terra povoada que lhes apareça, desde que haja lá um porto onde fundear, uma taberna onde beber e uma cama onde folgar, que aqui não se pode, com toda esta gente junta.

Homem do barco: E a ilha desconhecida?

Tripulante: A ilha desconhecida é coisa que não existe, não passa duma idéia da tua cabeça, os geógrafos do rei foram ver nos mapas e declararam que ilhas por conhecer é coisa que se acabou desde há muito tempo.

Homem do barco: Devíeis ter ficado na cidade, em lugar de vir atrapalhar-me a navegação.

Tripulante: Andávamos à procura de um sítio melhor para viver e resolvemos aproveitar a tua viagem.

Homem do barco: Não sois marinheiros.

Tripulante: Nunca o fomos.

Homem do barco: Sozinho, não serei capaz de governar o barco.

Tripulante: Pensasses nisso antes de ir pedi-lo ao rei, o mar não ensina a navegar.

Narrador: Então o homem do leme viu uma terra ao longe e quis passar adiante, fazer de conta que ela era a miragem de uma outra terra, uma imagem que tivesse vindo do outro lado do mundo pelo espaço, mas os homens que nunca haviam sido marinheiros protestaram.

Tripulante (protestando): É aqui que queremos desembarcar!

Todos (gritando): Esta é uma ilha do mapa! Matar-te-emos se não nos levares lá!

Narrador: Então, por si mesma, a caravela virou a proa em direção à terra, entrou no porto e foi encostar à muralha da doca.

Homem do barco: Podeis ir-vos.

Narrador: Ato continuo saíram em correnteza, primeiro as mulheres,

depois os homens, mas não foram sozinhos, levaram com eles os patos, os coelhos e as galinhas, levaram os bois, os burros e os cavalos, e até as gaivotas, uma após outra, levantaram vôo e se foram do barco transportando no bico os seus gaivotinhos, proeza que não tinha sido cometida antes, mas há sempre uma vez. O homem do leme assistiu à debandada em silêncio, não fez nada para reter os que o abandonavam, ao menos tinham-no deixado com as árvores, os trigos e as flores, com as trepadeiras que se enrolavam nos mastros e pendiam da amurada com festões. Por causa do atropelo da saída haviam-se rompido e derramado os sacos de terra, de modo que a coberta era toda ela como um campo lavrado e semeado, só falta que venha um pouco mais de chuva para que seja um bom ano agrícola. Desde que a viagem à ilha desconhecida começou que não se vê o homem do leme comer, deve ser porque está a sonhar, apenas a sonhar, e se no sonho lhe apetecesse um pedaço de pão ou maça, seria um puro invento, nada mais. As raízes das árvores já estão penetrando no cavername, não tarda que estas velas içadas deixem de ser precisas, bastará que o vento sopre nas copas e vá encaminhando a caravela ao seu destino. É uma floresta que navega e se balanceia sobre as ondas, uma floresta onde, sem saber-se como, começaram a cantar pássaros, deviam estar escondidos por aí e de repente decidiram sair à luz, talvez porque a seara já esteja madura e é preciso ceifá-la. Então o homem trancou a roda do leme e desceu ao campo com a foice na mão, e foi quando tinha cortado as primeiras espigas que viu uma sombra ao lado da sua sombra.

Acordou abraçado à mulher da limpeza, e ela a ele, confundidos os corpos, confundidos os beliches, que não se sabe se este é o de bombordo ou o de estibordo. Depois, mal o sol acabou de nascer, o homem e a mulher foram pintar na proa do barco, de um lado e do outro, em letras brancas, o nome que ainda faltava dar à caravela. Pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma.

Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial
Rua Ceará, 02 - Higienópolis - 01243-010 São Paulo - SP
Tels.: (11) 3824-9633 / 3824-0597
www.braudel.org.br - ifbe@braudel.org.br